

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Serviço de Música
ENCONTROS DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA

GRANDE AUDITÓRIO, Quinta-feira, 29 de Junho de 1977 - 18.30 h.

P R O G R A M A

LUIS DE PABLO

Chamán *
obra electro-acústica

EMANUEL NUNES

PATRIMONIO UC

Ruf *

ORQUESTRA GULBENKIAN
Maestro: Juan-Pablo Izquierdo

* Primeira audição em Portugal

NOTAS EXPLICATIVAS

E. NUNES - "Ruf"

EMMANUEL NUNES nasceu em Lisboa em 1941. De 1960 a 1964 frequentou a Academia de Amadores de Música onde estudou Harmonia e Contraponto com Francine Benoit. Durante dois anos foi aluno de Fernando Lopes Graça. Participou nos seminários de Darmstadt em 1963, 64, e 65. Seguiu um estágio de música electrónica na "Siemenshaus" de Munique sob a direcção de Henri Pousseur. Habita em Paris desde 1964.

De 1965 a 1967 frequenta todos os cursos da "Rheinische Musikschule" de Colónia, e em especial os cursos de K. Stockhausen e H. Pousseur - composição -, J. Spek - música electrónica -, e G. Heike - fonética - que o convidou a tomar um contacto directo com o equipamento acústico de "Forschungsinstitut für Deutsche Sprache" de Marburg. Uma das suas obras foi programada num concerto final destes cursos. Foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura desde 1970, sendo actualmente bolseiro da Fundação Gulbenkian.

Em 1971 obteve o primeiro prémio de Estética do "Conservatoire National Supérieur de Musique de Paris" na classe de Marcel Beaufils.

Entre as suas obras: "Degrés", "Seuils", "Un Calendrier Révolu", "Le Voile Tangent", "Litanies du Feu et de la Mer", "Purlieu", "Dawn Woe", "Fermata", "Voyage du Corps", "Impromptu pour un voyage II", "73 Öldorf 75", "Omens", "Minnesang", etc.

"Ruf". Os primeiros trabalhos de preparação para "Ruf" datam do Verão de 1974. A fita magnética foi realizada um ano mais tarde no estúdio de Öldorf perto de Colónia, sob a direcção técnica de David Johnson. A partitura só foi inteiramente redigida durante o Outono de 1976. "Ruf" é a oitava peça dum ciclo de dez, do qual já fazem parte: "Fermata", "Voyage du Corps", "Impromptu pour un voyage II", "73 Öldorf 75 I", "Omens", "Minnesang" e "73 Öldorf 75 II". O efectivo instrumental é praticamente o mesmo de Fermata e cada uma das duas obras (desde a integralidade dos seus "gestos", até à realização de detalhes simplesmente técnicos) parecem-me a mim próprio como o "negativo" ou o "positivo" uma da outra.

A partitura divide-se em sete partes das quais a terceira e a quinta (sem fita magnética) correspondem a "reduções" máximas duma ou várias dimensões sonoras deixando deste modo manifestarem-se zonas restritas da matriz geradora de toda a obra. As diferentes funções da fita magnética perante a orquestra podem ser resumidas esquematicamente da seguinte forma:

- 1 - "Infiltração" de correntes de movimentos propulsadas segundo direcções próprias e quase nunca em fase com a orquestra.
- 2 - Cantus firmus rítmico resultante da sobreposição de várias pulsações-timbre de predominância variável.
- 3 - Transformação "discreta" das relações de tensão harmonia-timbre do discurso orquestral.
- 4 - Absorção totalizante e dominadora da agógica global.
- 5 - Transfiguração total ou parcial de relações altura-timbre-ritmo, as quais apresentam um máximo de simplicidade.

"Ruf" foi criada no último Festival de Royan pela Orquestra Sudwestfunk Baden-Baden, sob a direcção de Ernest Bour, e resulta duma encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian.
"Ruf" é dedicada ao compositor vietnamita Ton-That Tiêt.

EMMANUEL NUNES

